



---

ÁREA TEMÁTICA: Família e Género

---

Agressão Física e Género: O público e o privado

---

ZALUAR, Alba

Professora Titular de Antropologia

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

amz84@globo.com

---

### Resumo

Pesquisa domiciliar de vitimização feita em 2006 mostrou que a agressão física tem percentual baixo na cidade do Rio de Janeiro. Nos últimos doze meses, 2% de moradores da cidade com 15 anos e mais foram agredidos fisicamente, e 8,9% agredidos na vida toda. Mas há diferenças nas proporções de agressões entre homens e mulheres, brancos, pardos e pretos, categorias de renda e de escolaridade. Este texto focaliza homens e mulheres. A diferenciação se torna mais clara quando se estuda o padrão com que estas agressões acontecem entre os diferentes grupos de idade e de sexo. Entre os homens, os locais predominantes são as ruas do bairro onde moram, as ruas fora deste bairro ou bares e casas noturnas, perfazendo 74% de agressões em locais públicos. Entre as mulheres é a residência da entrevistada, de parentes e vizinhos, somando 57,8% em ambientes domésticos e privados. 77% das mulheres são agredidas por homens; 92% dos homens são agredidos por outros homens. O grau de proximidade com o agressor também é revelador: 70% das mulheres conhecem seus agressores, o que comprova o caráter familiar ou privado das agressões sofridas; 40% dos homens não conhecem seus agressores.

Palavras-chave: família patriarcal, hipermasculinidade, género, público, privado.





Em 2005-2006, o NUPEVI realizou um inquérito domiciliar de vitimização cujo universo foi a população de 15 anos e mais na cidade do Rio de Janeiro. Foram aplicados 3435 questionários aleatoriamente em 200 setores censitários, 20 domicílios em cada setor e uma pessoa de 15 anos ou mais em cada domicílio. Em 2007 repetiu-se o mesmo instrumento em favelas da cidade, contando 660 pessoas entrevistadas. Nas duas, procurou-se manter uma fração de amostragem de aproximadamente 1/1500. Apresentaremos apenas os dados sobre as agressões físicas sofridas por pessoas de 15 anos e mais nos 12 meses anteriores ao momento da pesquisa assim como as sofridas na vida toda.

Tais pesquisas permitem conhecer a frequência, natureza e circunstâncias de crimes e agressões que vitimam pessoas dentro de período estipulado, pois nem sempre são registrados na polícia. Torna-se estudo fundamental para solucionar o problema da cifra oculta da criminalidade, ou seja, a subestimação do risco devido ao sub-registro das ocorrências. Permite estudar os perfis das vítimas e dos seus agressores, o relacionamento entre eles e as circunstâncias nas quais os crimes ocorreram.

A primeira pesquisa mostrou que a agressão física tem percentual baixo na cidade do Rio de Janeiro. Nos últimos doze meses, 2% de moradores da cidade com 15 anos e mais foram agredidos fisicamente, e 8,9% agredidos na vida toda. Na pesquisa feita apenas nas favelas em 2007, as proporções são bem maiores, três vezes maior nos últimos doze meses (7,3% no total, 3,6% homens, 4,8% mulheres), quase o dobro da cidade como um todo quando se considera as agressões na vida toda (13,8%). Isto demonstra que esta manifestação da violência, como no caso dos assassinatos, é mais grave nas favelas cariocas do que na cidade. Mas há diferenças nas proporções de agressões entre homens e mulheres, brancos, pardos e pretos, categorias de renda e de escolaridade tanto na cidade quanto nas favelas. Este texto focaliza as diferenças entre homens e mulheres, que se tornam mais claras quando se estuda o padrão com que estas agressões acontecem entre os diferentes grupos de idade, o local da ocorrência, o perfil do agressor e a relação entre agressor e agredido.

Nas favelas, a agressão física também é mais grave entre mulheres do que entre homens, mais frequente entre os jovens (15,1% na faixa dos 15-19 anos, 14,8% entre os 20-39 anos; 11% entre os 40-59 anos, 5,2% das pessoas com 60 e mais anos).

O local onde ocorreu a última agressão tem padrão diferente do roubo e do furto, mas é principalmente diverso entre homens e mulheres. Entre os homens, os locais predominantes são as ruas do bairro onde moram com o índice de 37,4%, já as ruas fora do bairro indicaram 22,9%, e outro local (bares, casas noturnas) somaram 13,4%. Ou seja, 73,7% das agressões ocorreram em locais públicos. Entre as mulheres, o local de maior incidência de agressões é a residência da entrevistada com 50,7% e as residências de parentes e vizinhos com 7,1%, isto é, 57,8% em ambientes domésticos e privados.

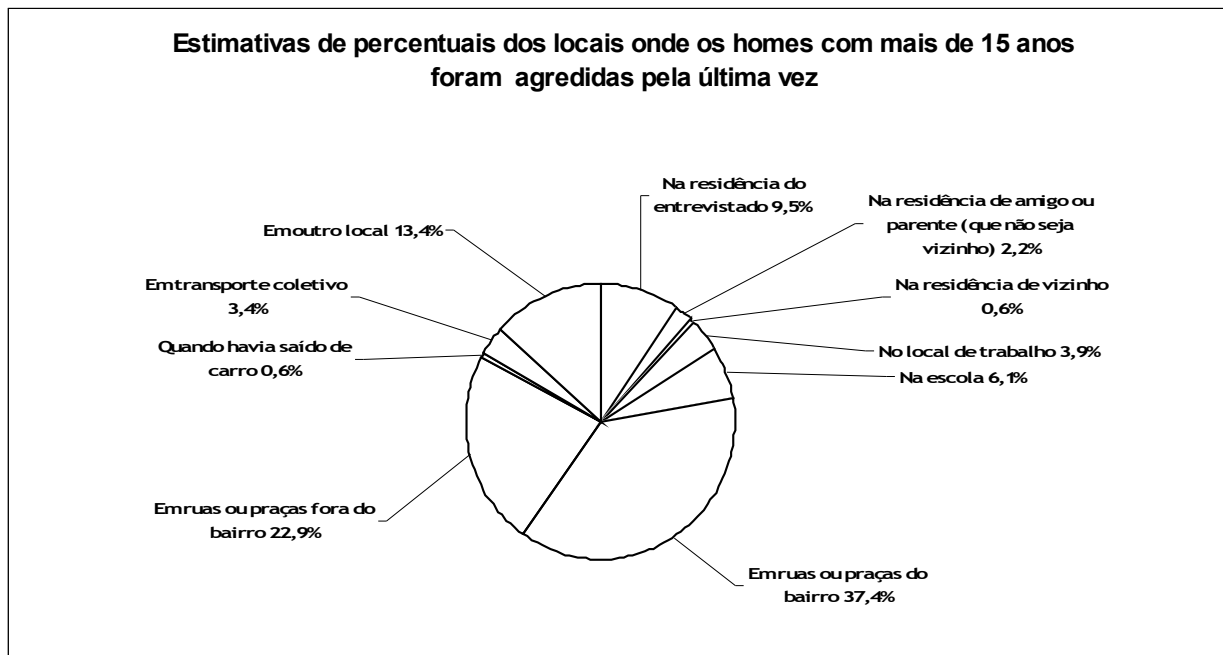


Gráfico 1 – Estimativas de percentuais dos locais onde os homens com mais de 15 anos foram agredidos pela última vez. Zaluar, 2008

Nas favelas, os padrões são ligeiramente diferentes, mas mantém-se o padrão público para agressão contra os homens e o privado para as mulheres. Os homens foram agredidos e nas ruas e praças do bairro (52%), fora do bairro (17%), totalizando 74% em locais públicos, ao passo que 24% são agredidos em casa (24%), duas vezes e meia mais do que no resto da cidade. Isto sugere que há mais agressão na vizinhança para os homens que moram em favelas. Esta particularidade das favelas também afeta a agressão contra as mulheres que são mais agredidas em casa ou na residência de vizinhos, somando 66,9% agredidas em cenários domésticos, proporção bem maior do que as agredidas nas ruas do seu bairro (23,5%), fora do bairro (9%).

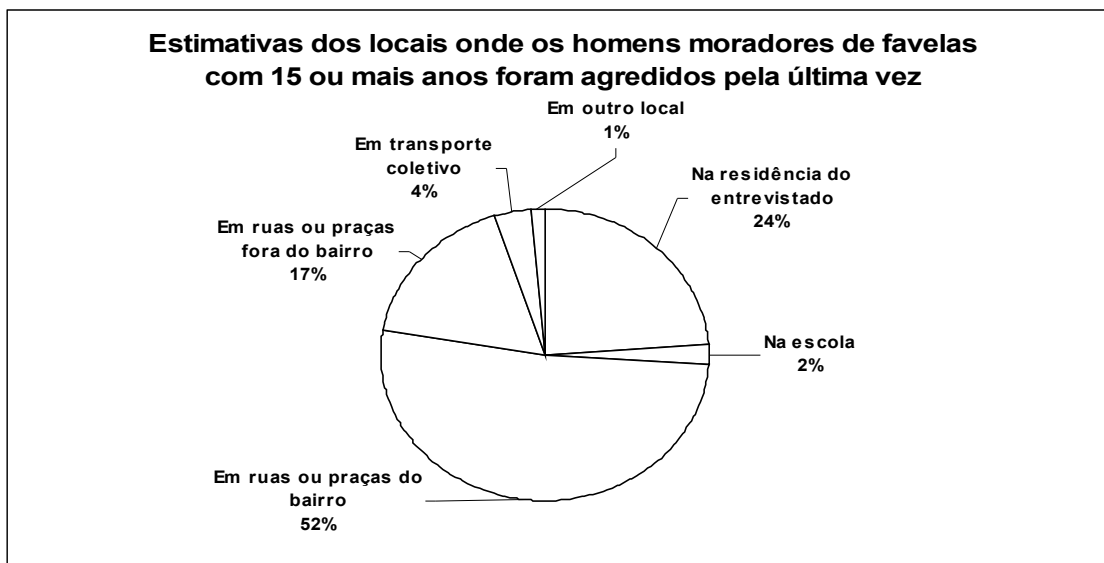


Gráfico 2 – Estimativas de percentuais dos locais onde os homens moradores de favelas com 15 anos ou mais foram agredidos pela última vez. Zaluar, 2008

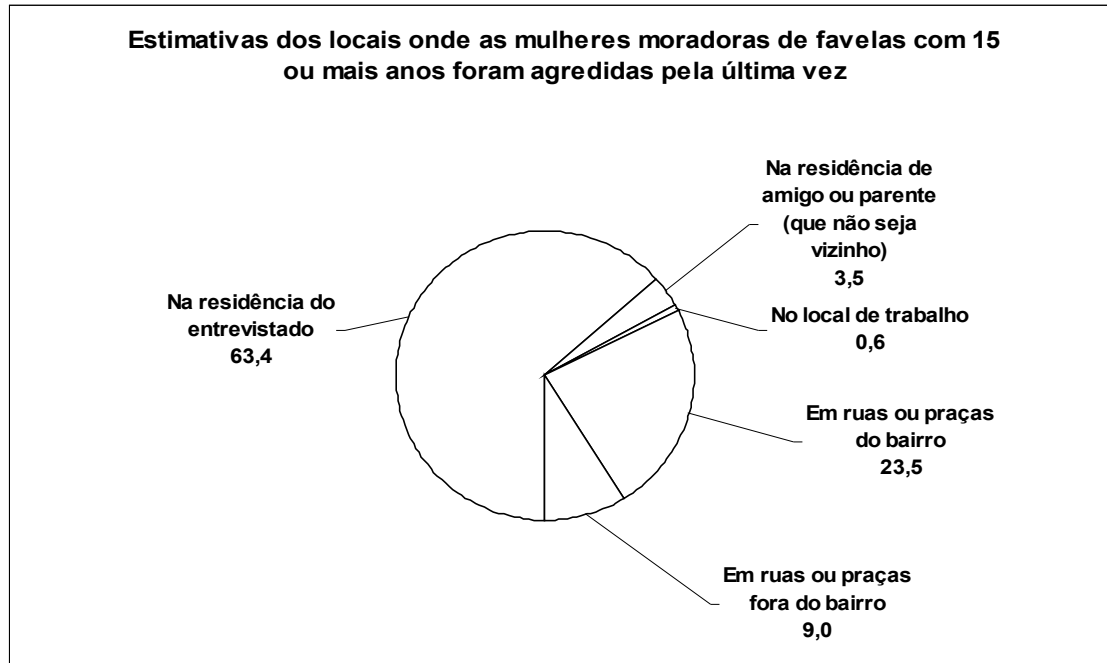


Gráfico 3 – Estimativas de percentuais dos locais onde as mulheres moradoras de favelas com 15 anos ou mais foram agredidas pela última vez. Zaluar, 2008

Os horários e os dias de semana da agressão têm padrão diferente do roubo e do furto, mas também são principalmente diversos entre os homens e as mulheres. Entre os homens, o pico é no fim de semana à noite. Trata-se, portanto, mais do que o furto e o roubo, de uma atividade noturna e vinculada às atividades de lazer no fim de semana. Entre as mulheres, o pico é no dia de semana à noite e à tarde, voltando a subir um pouco no fim de semana à noite. Estas curvas diversas de horários condizem com o padrão público da agressão masculina e o padrão doméstico da agressão contra as mulheres.

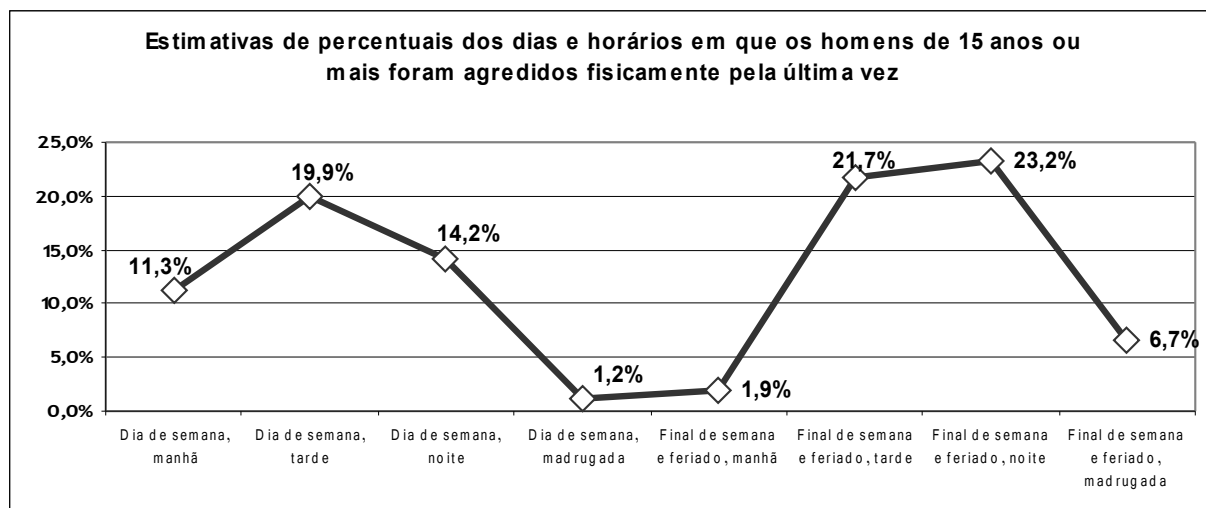


Gráfico 4 – Estimativas de percentuais dos dias e horários em que os homens de 15 anos foram agredidos fisicamente pela última vez. Zaluar, 2008

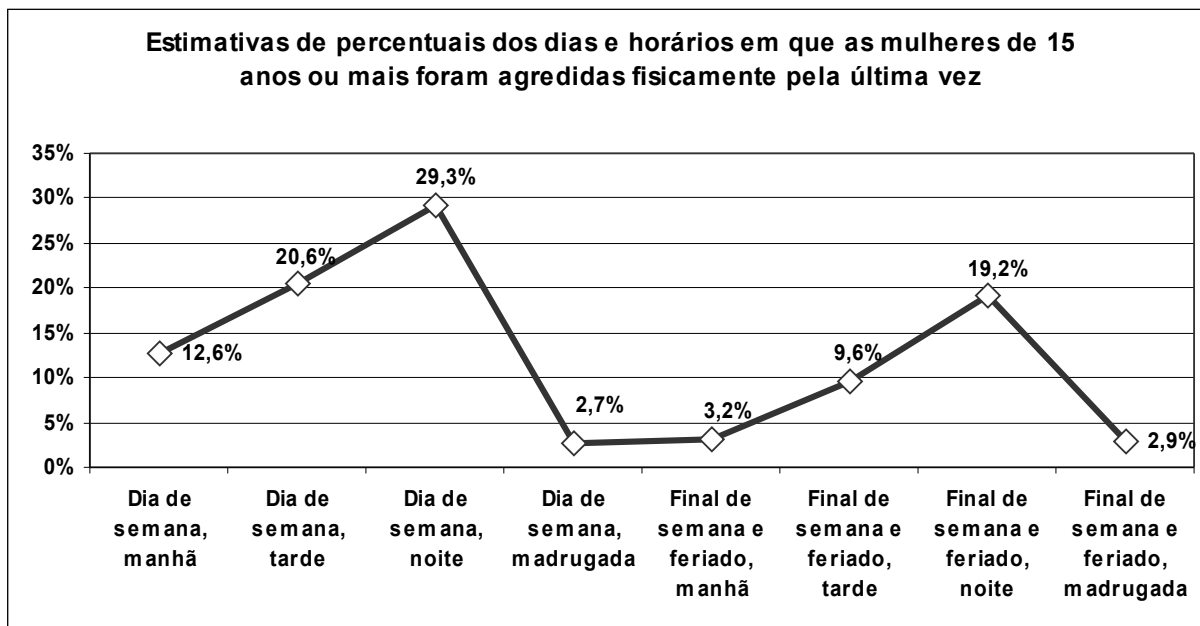


Gráfico 5 – Estimativas de percentuais dos dias e horários em que as mulheres de 15 anos foram agredidas fisicamente pela última vez. Zaluar, 2008

Nas favelas, também há ligeiras diferenças na agressão visto que, aparte a proporção quase o dobro no dia de semana à tarde e uma pequena proporção na madrugada de fins de semana, as curvas são mais parecidas do que na cidade como um todo. Isto indica que aqui as agressões contra elas também ocorrem mais nas noites de toda a semana, dois picos coincidentes com as agressões dos homens, provavelmente relacionados ao fato de que o lazer ou diversão acontece na própria favela. Não há registro de agressões nas madrugadas de feriados e fins de semana, o que também sugere um padrão de lazer mais territorializado, próprio de locais relativamente mais isolados no seu contorno social.

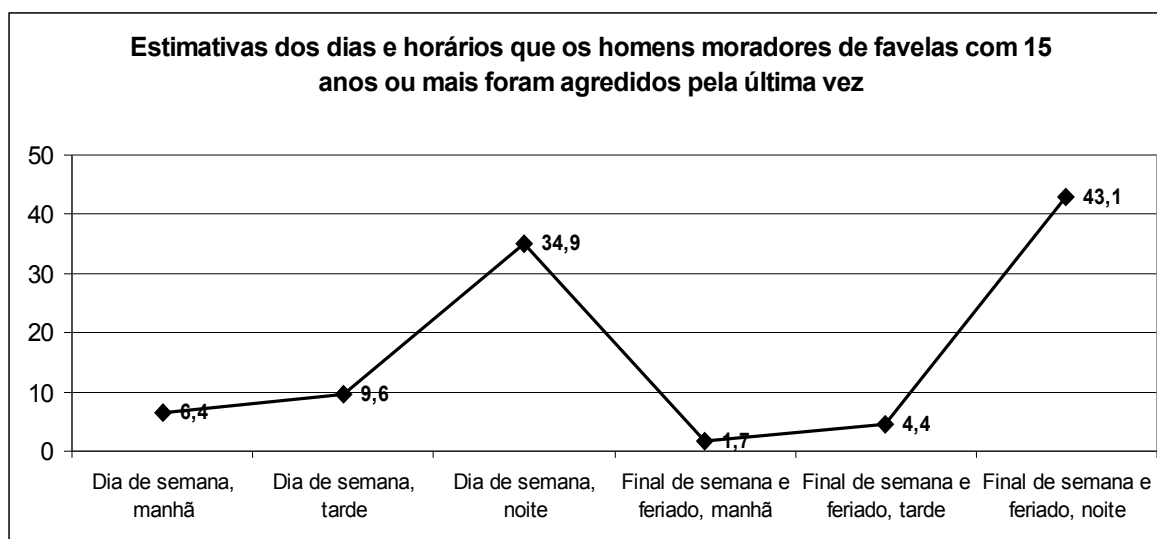


Gráfico 6 – Estimativas dos dias e horários em que os homens moradores de favelas com 15 anos foram agredidos pela última vez. Zaluar, 2008

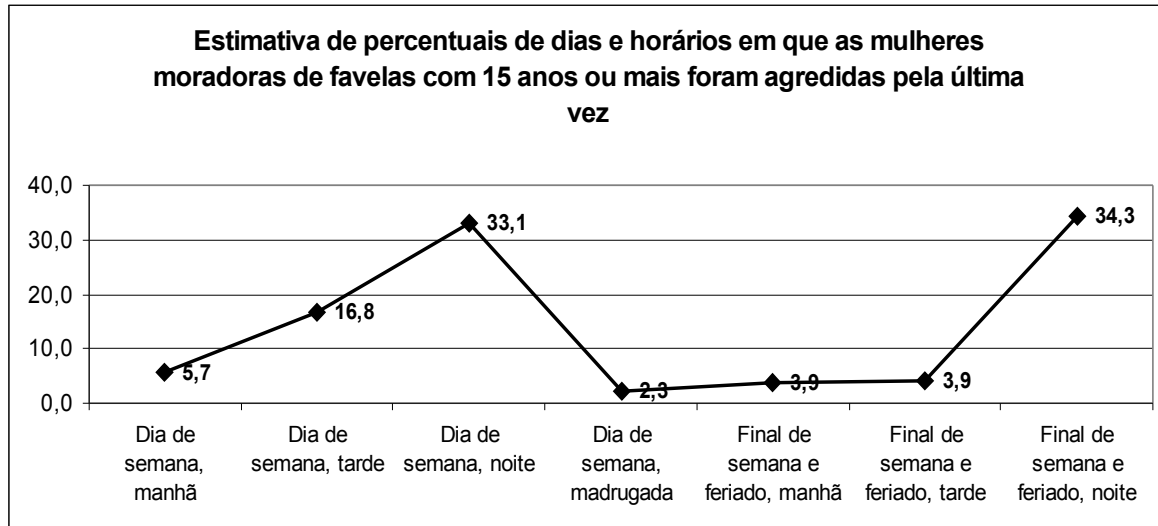


Gráfico 7 – Estimativas de percentuais dos dias e horários em que as mulheres moradoras de favelas com 15 anos ou mais foram agredidas pela última vez. Zaluar, 2008

Mesmo na cidade todas, os pretos e pardos foram mais agredidos que brancos nos últimos doze meses, com os índices de 3%, 2,8% e 1,1% respectivamente, e na vida toda com 13,9%, 10% e 6,4%; as mulheres mais que os homens nos últimos doze meses com 2,6% para elas e 1,2% para eles, assim como na vida toda com 9,4% para elas e 8% para eles; os de ensino fundamental mais do que os de ensino universitário nos últimos doze meses com 2,2% para os primeiros e 1,4% para os segundos, invertendo a correlação encontrada no furto e no roubo. Porém, na vida toda, as taxas relativas à escolaridade são quase que iguais: 9,2% e 9,5%, ou seja, a escolaridade passa a ter menos peso do que a cor/raça e o gênero.

As mulheres na idade reprodutiva (a partir de 20 anos até os 40) são as mais agredidas na vida toda e os homens mais agredidos na vida toda são os que estão entre os 15 e os 30, ou seja, os mais jovens. As mulheres são mais agredidas desde 15 anos, já que nas favelas casam-se mais cedo; a queda é lenta até aos 40, depois cai abruptamente. Os homens têm o pico aos 20-39 anos e continua caindo lentamente após os 40 anos.

Sobre o estado civil também é possível fazer uma distinção, pois nos últimos doze meses, os homens amigados atingem a taxa de 4% e as mulheres amigadas de 7,4%; os solteiros atingem a taxa de 1,8% e as solteiras 2,8%; as separadas atingem a taxa de 4,1% e os separados não foram agredidos.

Na vida toda, a soma dos homens e mulheres vítimas de agressão por estado civil se caracteriza em: 18,4% dos separados não oficialmente; 16,1% dos amigados; 9,8% dos solteiros; 10,9% dos desquitados, divorciados ou separados judicialmente. Os casados apresentam uma taxa três vezes menor do que os separados e amigados e duas vezes menor do que os solteiros e desquitados: 5,3%. Isto quer dizer que o casamento assim como a separação ritualizada judicialmente diminui o risco de ser agredido. Várias interpretações podem ser dadas a este dado: 1) as pessoas que se juntam e se separam sem os rituais sofrem menos controle de suas respectivas famílias e redes de relações pelo fato de que não são legitimamente casados; 2) o próprio ritual judicial diminuir o risco de agressão na medida em que interpõe um terceiro à relação conjugal, no caso o Judiciário; 3) o estilo de vida dos que se casam e se separam judicialmente é mais conservador ou de maior compromisso mútuo do que os demais. A quarta interpretação, pela qual nos inclinamos, é a de que esses três aspectos contribuem para diminuir o risco de agressão, cada um com dinâmica diferente mas interconectada.

O dado que melhor revela a diferenciação dos padrões de agressão sobre o gênero, juntamente com o local da agressão, é o grau de proximidade com o agressor. Pelos resultados, as mulheres majoritariamente conhecem seus agressores, o que comprova o caráter familiar ou privado das agressões sofridas. Os



homens, ao contrário, em grande parte não conhecem seus agressores na cidade, embora isso se modifique nas favelas, onde a sociabilidade entre vizinhos é mais intensa.

Dos homens agredidos, 42,8% o são por amigos, vizinhos ou colegas e 40,6% por desconhecidos. Destes, 92,2% são agredidos por outros homens. Das mulheres agredidas, 67% o são por parentes e afins; 15,9% por desconhecidos. Das agredidas por parentes e afins, 98,2% são agredidas por homens para 77,2% que, no cômputo geral, são agredidas por homens.

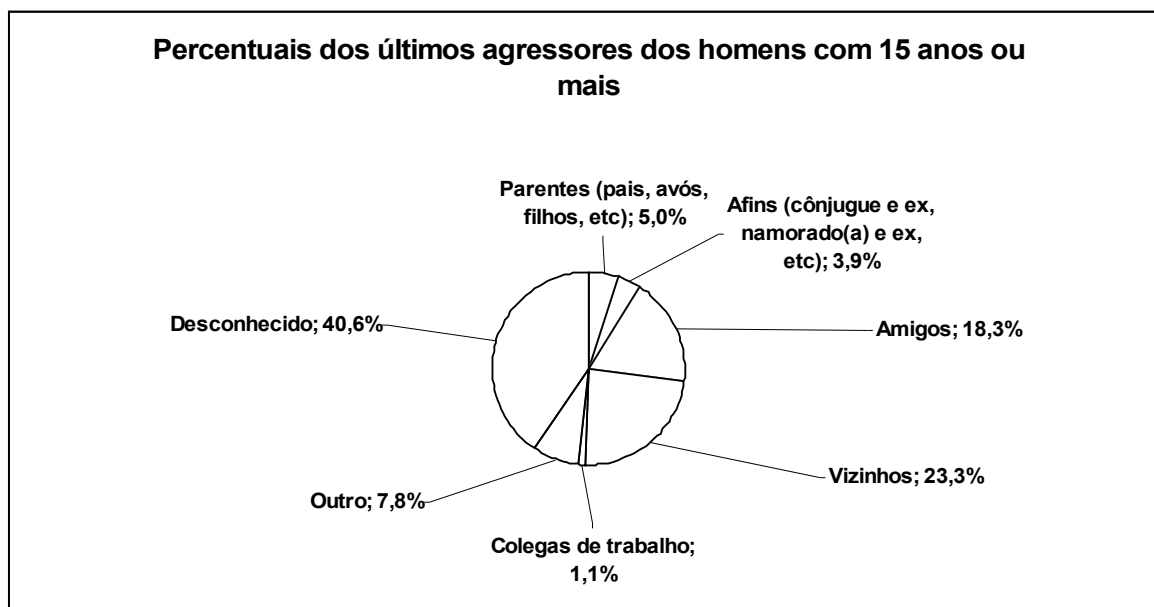


Gráfico 8 – Percentuais dos últimos agressores dos homens com 15 anos ou mais. Zaluar, 2008

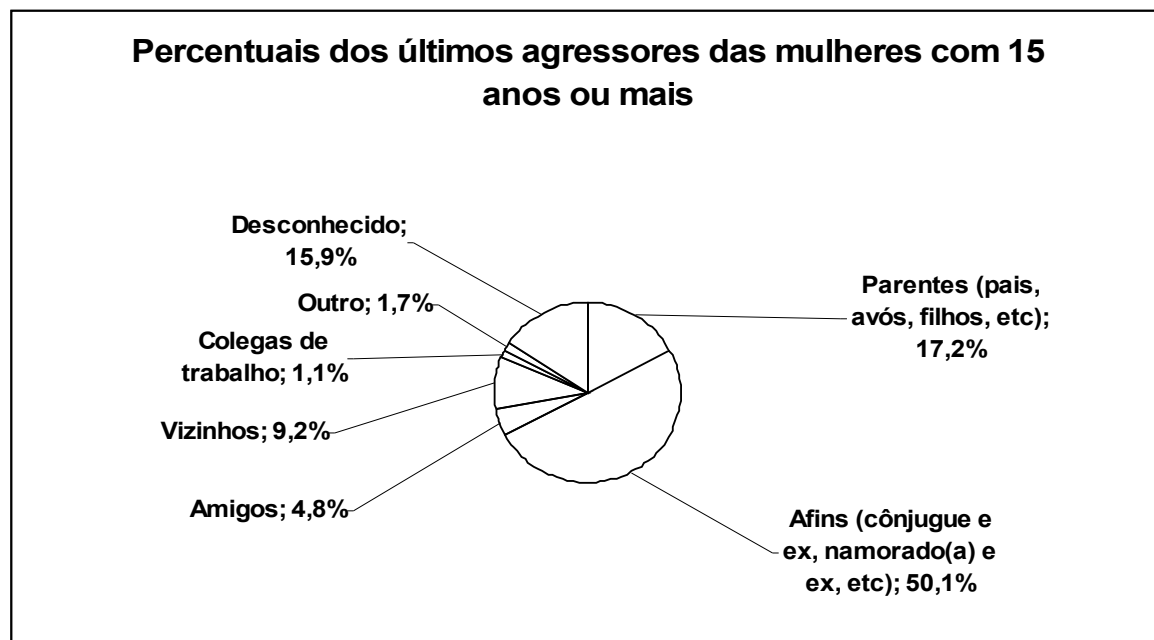


Gráfico 9 – Percentuais dos últimos agressores das mulheres com 15 anos ou mais. Zaluar, 2008

Nas favelas, entre os agredidos a proporção mais alta de agressores é a de vizinhos (33%, mais de três vezes maior do que na cidade), outros (principalmente policiais, 18,6%, mais do que o dobro da cidade), desconhecidos (19,9%), somando 77,3% por desconhecidos, amigos e vizinhos, dos quais 92,5% por





homens apontando consistentemente para práticas de lazer na própria favela. Parentes e afins somam 21,9%. Entre as agredidas repete-se o mesmo padrão da violência doméstica encontrado na cidade com uma proporção maior de agredidas, pois os parentes afins (principalmente companheiros e ex-companheiros) contam com 59% e parentes consangüíneos 17%, totalizando 76% de agressores vinculados à esfera doméstica, bem maior do que na cidade. A agressão por vizinhos e outros (principalmente policiais) é também maior entre as faveladas, neste último caso sete vezes maior do que na cidade. Nas favelas 88% das mulheres agredidas o foram por homens, percentual também maior do que na cidade. Isto indica que os padrões da violência masculina e privada contra as mulheres é mais recorrente nas favelas do que na cidade formal.

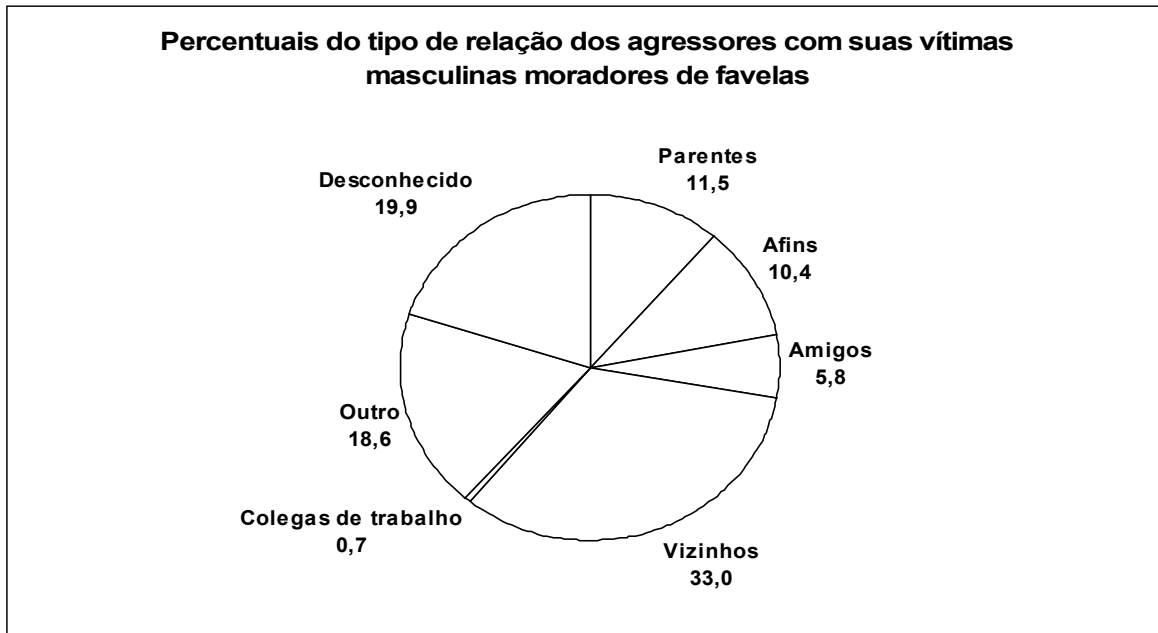


Gráfico 10 – Percentuais do tipo de relação dos agressores com suas vítimas masculinas moradores de favelas. Zaluar, 2008

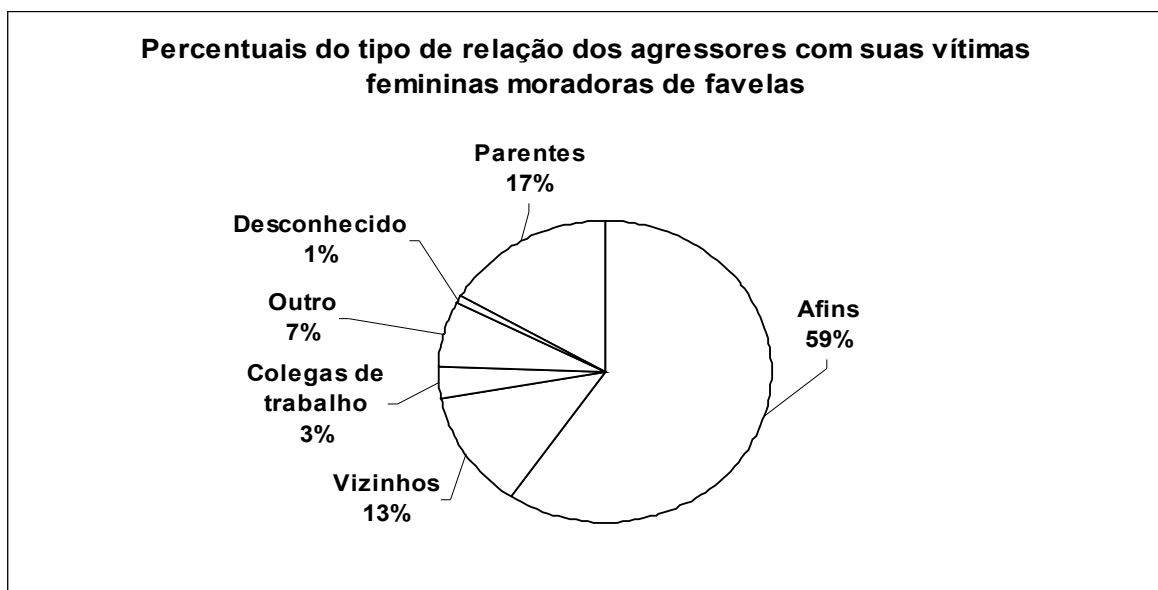


Gráfico 11 – Percentuais do tipo de relação dos agressores com suas vítimas femininas moradoras de favelas. Zaluar, 2008



Os homens revidam mais a agressão; as mulheres tendem mais a não fazer nada como reação. Os homens são mais propícios a brigar entre si, as mulheres a apanhar de homens. No último caso, a lógica é a da obediência pelo medo, como na escravidão. O revide é o dobro entre os homens (70%) e mulheres (50%) favelados, embora a tendência encontrada na cidade permaneça. Portanto a resposta violenta maior e a tentativa de diálogo menor exibe mais uma vez a configuração social na favela que apela para valores e práticas vinculadas a uma formação subjetiva com mais disposição para a violência.

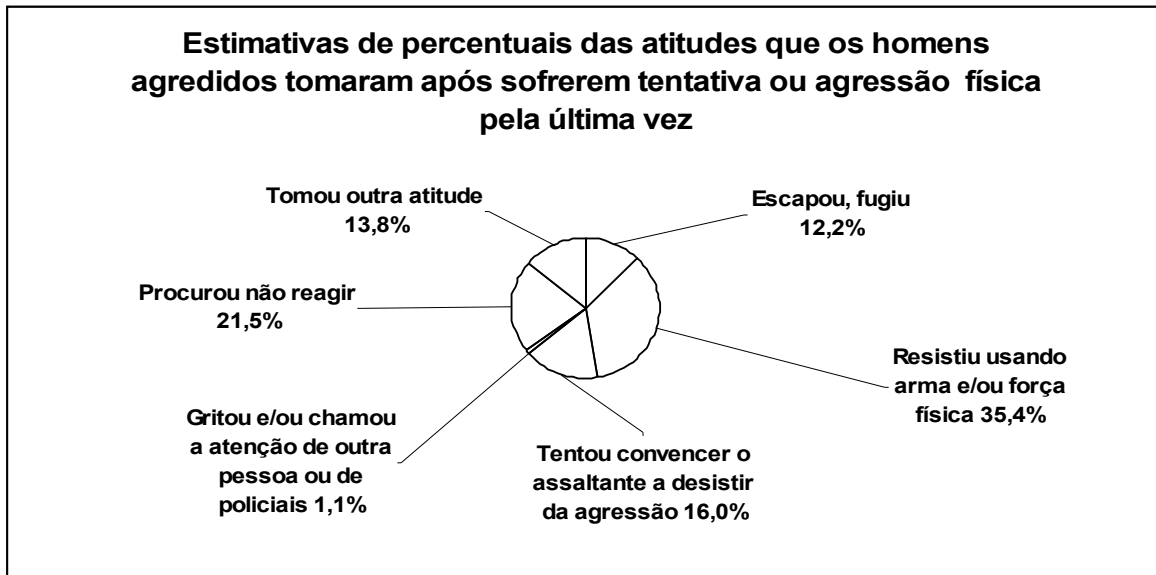


Gráfico 12 – Estimativas de percentuais das atitudes que os homens agredidos tomaram após sofrerem tentativa ou agressão física pela última vez. Zaluar, 2008

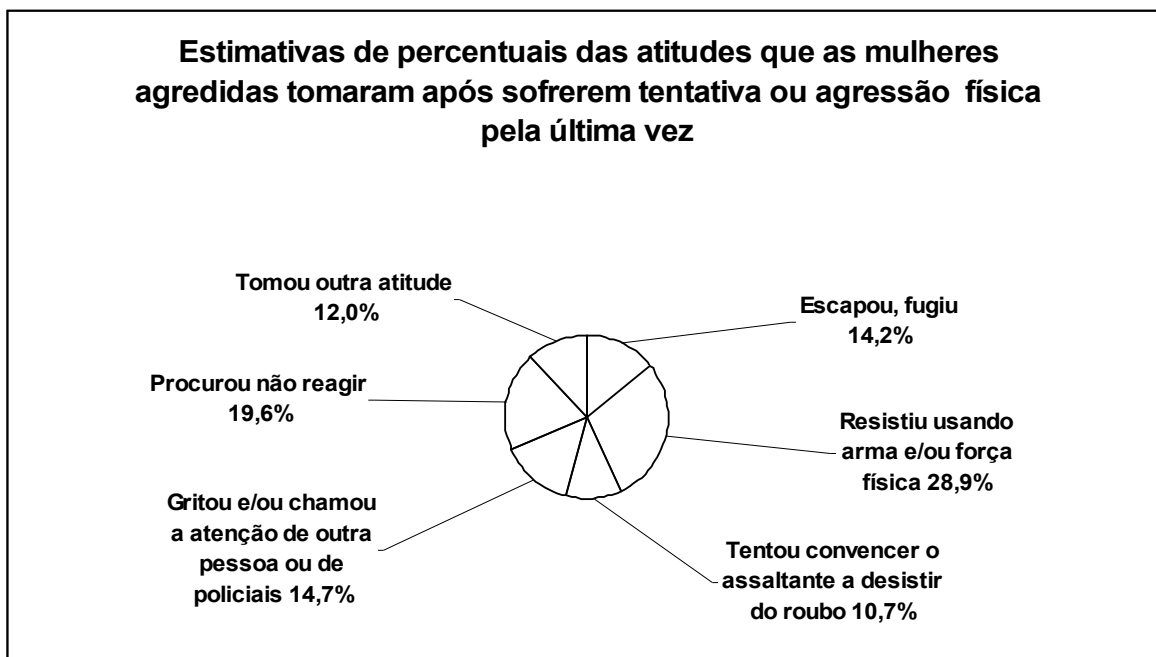


Gráfico 13 – Estimativas de percentuais das atitudes que as mulheres agredidas tomaram após sofrerem tentativa ou agressão física pela última vez. Zaluar, 2008

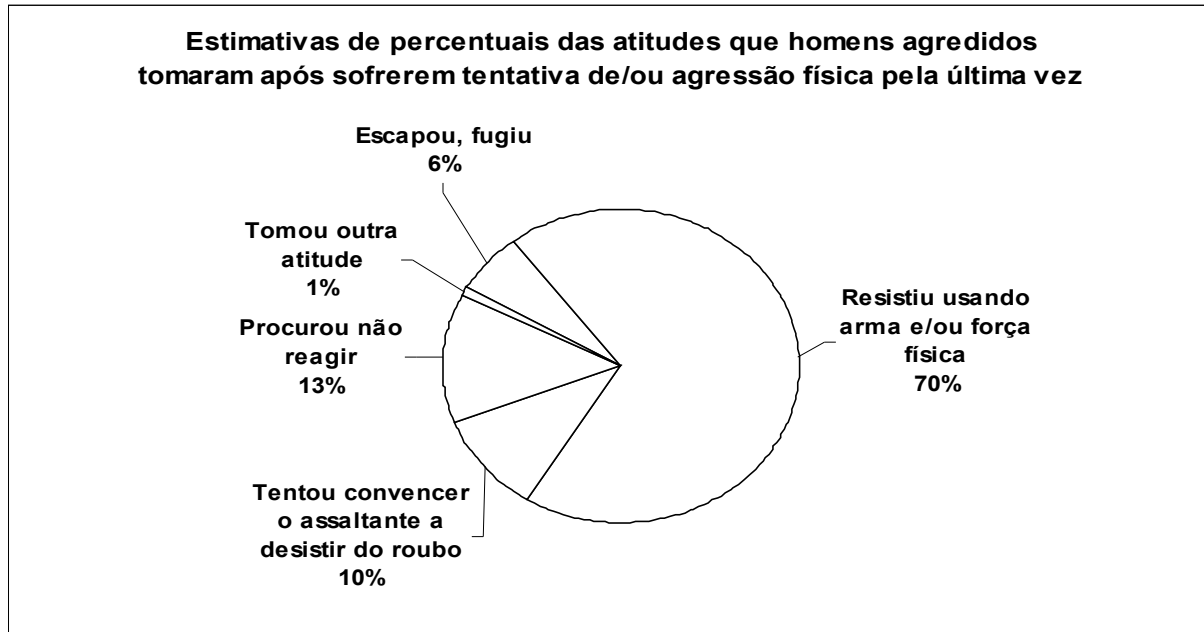


Gráfico 14 – Estimativas de percentuais das atitudes que os homens agredidos tomaram após sofrerem tentativa ou agressão física pela última vez. Zaluar, 2008

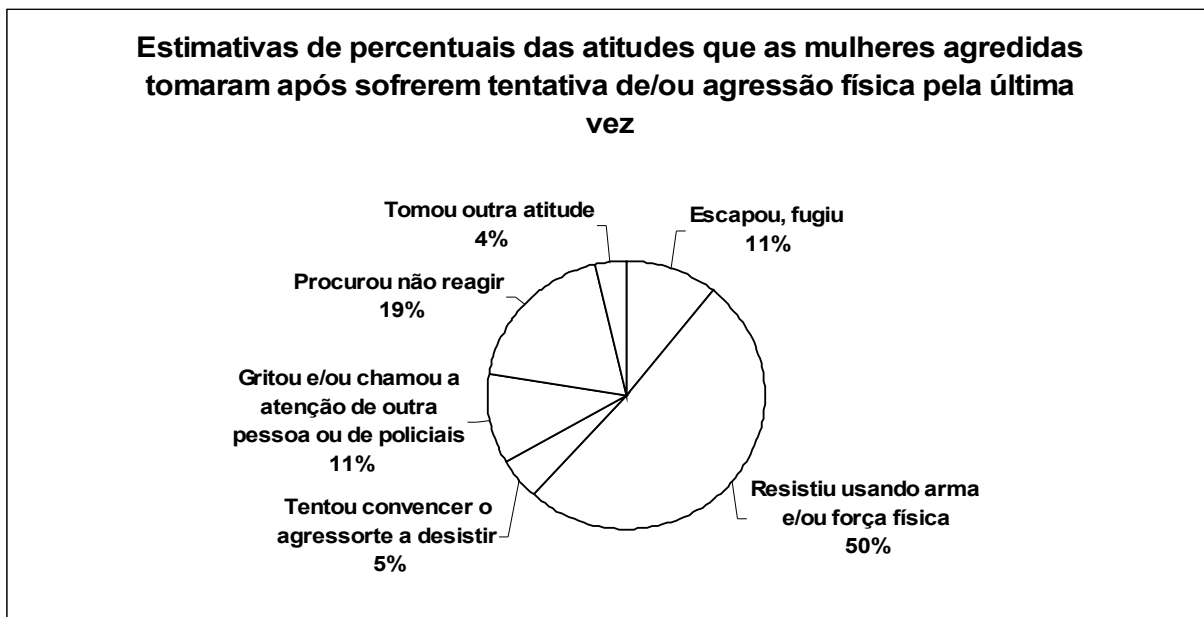


Gráfico 15 – Estimativas de percentuais das atitudes que as mulheres agredidas tomaram após sofrerem tentativa ou agressão física pela última vez. Zaluar, 2008

Entre as mulheres, as mais agredidas são as negras e as de baixa escolaridade. Quanto ao abuso, definido por nós como o sofrido por pessoas agredidas mais de cinco vezes na vida, os homens e mulheres brancas são muito menos abusados no nível universitário, mas há uma alta proporção de 1 a 4 agressões na vida entre homens brancos de nível universitário. Negros e negras, no entanto, também são abusados no nível universitário, tendo as menores proporções de agressões no nível médio. Isto pode ser devido ao racismo ou aos padrões diferentes de lazer adotados pelos universitários, que os expõe mais aos ataques.



No cômputo geral, as mulheres são mais abusadas, ou seja, agredidas mais de 5 vezes na vida toda, do que os homens que sofrem um número menor de agressões na vida. Mulheres de nível fundamental são duas vezes mais agredidas que homens. O abuso é várias vezes maior entre mulheres de nível fundamental e de renda familiar mais baixa.

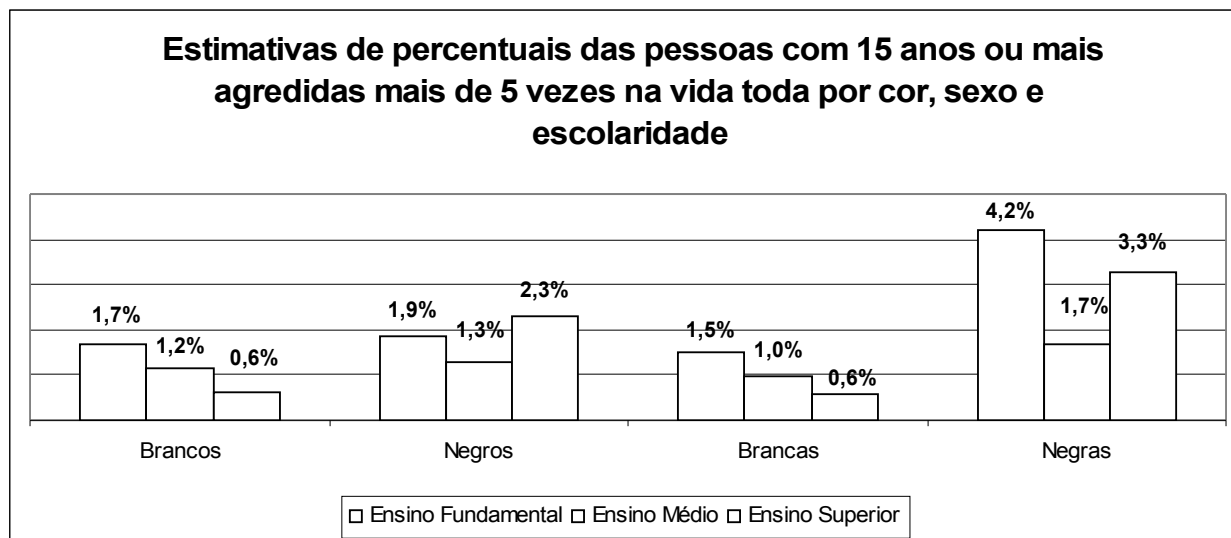


Gráfico 16 – Estimativas de percentuais das pessoas com 15 anos ou mais agredidas mais de 5 vezes na vida toda por cor, sexo e escolaridade. Zaluar, 2008

No que se refere à cor dos agressores os homens negros são os que mais agredem as mulheres negras. Enquanto os agressores brancos agredem mais mulheres brancas com o índice de 63,4% e mulheres negras com 36,2%, os agressores negros agredem 30,9% de mulheres brancas e 51% de mulheres negras. Portanto, os dados não permitem falar de racismo, embora a proporção de agressores brancos de mulheres negras seja maior que a de agressores negros de mulheres brancas.

A procura da polícia após a agressão também apresenta distinção entre vítimas do sexo masculino e feminino. No cômputo geral, 81,5% das pessoas não procuraram a polícia. As mulheres procuraram mais que os homens (25% para 10% respectivamente). Porém, o dado mais revelador sobre a natureza diversa deste tipo de vitimização entre homens e mulheres, é que foram as próprias características muito mais pessoais da agressão entre as mulheres do que entre os homens que se revelou como a razão para que as agredidas não procurarem a polícia.

Juntando homens e mulheres, os que não procuraram, deram como razão principalmente o medo de sofrer represálias pelos autores da agressão (21,7%), achar que não valia a pena, ou por que é difícil que a Polícia atenda a reclamações de agressões ou porque perderia muito tempo (20,3%), seguido por não ter informações que pudessem ajudar a polícia (10,8%), contabilizando 52,8% que não consideram que a agressão seja uma questão para ser resolvida pela polícia, ou por razões pessoais, ou por razões práticas. Ainda 12,1% das pessoas agredidas afirmaram ter resolvido o problema por meios próprios. Somados, são 64,9% os que percebem mais problemas pessoais e práticos do que de confiança na polícia.

Expressaram razões vinculadas à desconfiança na polícia os que disseram expressamente não ter confiança na polícia (9,4%), os que afirmaram que temiam perder tempo sem serem atendidos (4,9%), os que não conhecem ninguém influente dentro da corporação (0,5%), os que desconfiavam que policiais estivessem envolvidos na agressão (0,7%), ou ainda saber que as pessoas não eram bem tratadas por eles (0,8%), que somados chegam a 16,3% das pessoas agredidas, percentual igualmente pequeno considerando as altas proporções dos que, em outra pergunta, não avaliaram bem o trabalho policial.



Entre os homens, os motivos apresentados para não procurar a polícia depois da agressão indicam que 25,4% dos agredidos revelam não ter confiança na polícia. Razões práticas para não ir à polícia foram dadas por 34,9% dos homens agredidos, proporção um pouco menor do que a encontrada entre as mulheres. Medo de represália foi a justificativa dada por 21,1% dos homens, o que não está necessariamente vinculado a agressores familiares ou íntimos, visto que meros conhecidos ou pessoas armadas da vizinhança onde moram também costumam ameaçar o revide caso haja denúncia à polícia (Zaluar, 2004). A razão vinculada a questões familiares atinge apenas 8,2% do total das razões apresentadas pelos homens agredidos na amostra.

Quanto às mulheres, os dados vão demonstrar que a proximidade da vítima com o agressor é uma importante razão para não apresentar queixa na polícia. A falta de confiança na polícia é proporcionalmente a metade entre as mulheres do que é entre os homens: apenas 8,2% delas justificaram a falta de denúncia pela desconfiança do trabalho policial. Homens e mulheres concordam quanto à certeza que não ia adiantar prestar queixa, pois é difícil a polícia atender a casos de agressão: as proporções de ambos estão em 15%. E se somarmos todas as justificativas de ordem prática para não dar queixa apresentadas pelas mulheres, estas somam 35,5%.

Já o medo de represália atinge mais as mulheres do que os homens: 22,3% das mulheres não vão à polícia por isso e é esta a principal razão para não prestar queixa na polícia. Como sabemos que quase 80% dos seus agressores são pessoas próximas, pode-se concluir que este medo decorre da continuidade da relação com o agressor, questão muito discutida na literatura a respeito da violência doméstica e familiar (Vianna & Lacerda, 2004: 20-23; Correa, 2002). Destas mulheres que não apresentam queixa por medo de represália, de fato, 83% foram agredidas por parentes e afins. Se acrescentarmos os vizinhos agressores, esta proporção vai para 94,3% de mulheres agredidas por pessoas próximas. A razão para evitar a queixa na polícia que apontam diretamente para as relações familiares são também o dobro da apresentada pelos homens: 16%. Mas há também uma enorme diferença entre as mulheres que afirmam ter resolvido o problema por meios próprios (12,1%) e os homens que também optaram por afirmar que o uso de meios próprios foi suficiente (1,5%). As mulheres agredidas que apresentaram esta justificativa sofreram a violência principalmente de pessoas próximas: afins, amigos e vizinhos (63%). Isto indica que, embora as mulheres sejam mais agredidas e que o sejam principalmente por pessoas próximas, a continuidade da relação faz com que a agressão seja discutida, perdoada ou esquecida para não interrompê-la. Isto também é muito apontado na literatura a respeito do assunto (Couto, 2005). Mas é possível que o revide da agressão entre amigos e vizinhos tenha resultado em agressões mútuas, ou seja, uma briga.

Não há dúvida, pois, de que os padrões de agressão entre homens e mulheres são muito diferentes no que tange aos seus aspectos privado ou público, o que vai ter efeitos no motivo apresentado para a não registrar a ocorrência policial. Entre as mulheres as razões familiares pesam mais (16% para elas e 8,2% para os homens) e a desconfiança na polícia é três vezes menos relevante (8,2% entre as mulheres para 25,4% entre os homens). Por fim, tudo indica que as mulheres esquecem, negociam ou perdoam as agressões cometidas contra elas, provavelmente entre os próximos quando se considera que os meios próprios para resolver o problema foram considerados suficientes por 12,1% delas, enquanto apenas 1,5% dos homens afirma o mesmo. Dessas mulheres que resolvem o conflito por meios próprios 63% foram agredidas por parentes, afins ou amigos.

## **Conclusões**

Podemos concluir, diante de tantos dados que apontam para o padrão familiar ou íntimo da agressão contra a mulher, que a agressão contra ela tem a ver com a dominação e as ameaças ao poder viril, objeto de acalorada polêmica no Brasil e no mundo. Feministas no Brasil continuam a afirmar que a violência doméstica ou familiar, com o seu poder viril incontestável, é a continuação do patriarcalismo brasileiro, nascido e criado na Casa Grande das plantations de açúcar no período colonial. Como esta formação social pode caracterizar a sociedade brasileira, mas não outras onde também ocorrem formas de violência



doméstica, o recurso a outros conceitos mundialmente usados, o de hipermasculinidade e de etos guerreiro, podem ser mais frutíferos.

Além disso, segundo o criador do conceito da família patriarcal brasileira, o próprio Gilberto Freyre (Freyre, 1977) esta formação estaria em desagregação desde o século XVII. Séculos nos separam da constelação de relações e formações subjetivas da família patriarcal, tal como se constituiu no século XVI. No livro *Sobrados e Mucambos*, Gilberto Freyre reconstitui os processos culturais que vão gerar a formação social brasileira, abordando os mecanismos de distanciamento e aproximação, ruptura e união na classe, na raça, na cultura, segmentadas por outros vetores sociais: o gênero, a idade, a família. A classe, a raça e a cultura, que se diferenciam no distanciamento e no confronto, vão perdendo seus contornos nítidos e suas separações dicotômicas para tornarem-se carregadas de ambivalências e tensões que lhes trazem dinâmica e criatividade. As trocas duais, tão intensas entre a casa-grande e a senzala (sempre mencionados no singular), raiz da família patriarcal brasileira, nos sobrados e mucambos (referidos sempre no plural) vão abrindo brechas que abalam o sistema dual, gerando múltiplas diversificações e conflitos antes inexistentes. A família patriarcal brasileira torna-se mais cheia de fragilidades, conflitos e ambigüidades, perdendo o homem a posição de poder que antes tinha (Zaluar, 2001).

Por outro lado, novas identidades masculinas, baseadas em outros valores e práticas, ainda assim vinculadas à dominação masculina e ao poder definido como característica viril, foram surgindo e se cristalizando em processos sociais já bem estudados em outros países. Norbert Elias (1993), em suas obras sobre o processo civilizatório na Europa ocidental, especialmente na França e Inglaterra, desenvolve o conceito de etos guerreiro para caracterizar aquela formação subjetiva em que não se interiorizaram os controles da emoção que tornam o sujeito homem capaz de evitar a resposta violenta aos desafios e disputas. O *habitus* civilizado, segundo este autor, seria o resultado de longo processo histórico no qual o monopólio legítimo da violência pelo Estado seria acompanhado das disposições psíquicas e práticas sociais do jogo parlamentar, do *fair play* nos jogos esportivos e dos hábitos cortesões que resultaram na civilidade da coexistência entre os diferentes, sem que conflitos e competições terminem na destruição física do adversário.

A hipermasculinidade, fenômeno bem estudado em países onde nunca existiu a família patriarcal brasileira, especialmente nos Estados Unidos da América, é definida como a "constelação de personalidade" com um conjunto de traços relativos à agressão sexual (Holand & Scourfield, 2000): atitudes sexuais cruéis para com as mulheres, uso de bebidas alcoólicas, agressividade, dominação e perigo valorizados como "coisas de homem". Porquanto se caracteriza pelas atitudes grosseiras para com as mulheres, pela agressão e pelo domínio que são considerados sinais de virilidade, assim como enfrentar o perigo é um excitante, a empatia, o cuidado e a compreensão, sentimentos e atitudes femininas, não são vistos como de homens de verdade, homens que agridem mulheres ou se agridem entre si por qualquer desafio. Por inibir a expressão de características femininas ao considerá-las fracas e inapropriadas para "homens de verdade" ou "sujeitos homens", a hipermasculinidade traria como consequência a inabilidade para expressar empatia com a vítima potencial de sua agressividade (Norris et al., 1999), seja ela homem ou mulher. É isto que facilitaria a resposta agressiva em quaisquer conflitos que ameacem a posição de domínio do homem que apresenta essas disposições internas.

## BIBLIOGRAFIA

CECCHETTO, Fátima, (2004), *Violência e Estilos de Masculinidade*, Rio de Janeiro, Editora FGV.

CORNWALL, A. & LINDISFARNE, N (1996), *Dislocating Masculinity*, Londres e Nova Iorque, Routledge.



CORREA, Marisa (2002), *Gênero e cidadania*, Campinas-SP: Pagu / Núcleo de Estudo de Gênero-UNICAMP.

COUTO, Sonia (2005), *Violência Doméstica, uma nova intervenção terapêutica*, Belo Horizonte, Autentica / FCH-FUMEC.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric (1993), *Quest for Excitement, Sport and Leisure in the Civilizing Process*, Oxford, Paperback.

FREYRE, Gilberto (1977), *Sobrados e Mocambos*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio/ MEC.

HOLLAND, Sally & COURFIELD, Jonathan B (2000), "Managing Marginalised Masculinities: men and probation", *Journal of Gender Studies*, Vol. 9, No. 2.

MACDOWELL, Linda (2000), "The trouble with men? Young people, gender transformations and the crisis of masculinity", *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 24: 1.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo (2001), *Torcer, Lutar, Ao Inimigo Massacrar: Raça Rubro Negra!! Uma Etnografia sobre Futebol, Masculinidade e Violência*, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

NORRIS, Jeanette et all (1999), "Alcohol and Hypermasculinity as Determinants of Men's Empathic Responses to Violent Pornography", *Journal of Interpersonal Violence* / Vol. 14 No. 7, July 683-700, Sage Publications, Inc.

VIANNA, Adriana & LACERDA, Paula (2004), *Direitos e políticas sexuais no Brasil, o panorama atual*, Rio de Janeiro, CEPESC.

ZALUAR, A. M. (2004), *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*, 1. ed, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.